

PRÁTICAS MÁGICO RELIGIOSAS A PARTIR DE UM VIÉS AGONÍSTICO EM ATENAS (SÉC. V -IV)

Yasmin da Silva Pacheco

Doutoranda em História pelo PPGH-UFF, Bolsista CAPES
yasminpacheco@id.uff.br

Resumo

Este trabalho ocupa-se das dinâmicas estabelecidas no período clássico ateniense a partir dos discursos políticos e relações existentes nesta sociedade. O viés aqui adotado é o pressuposto de uma sociedade agonística em Atenas que permeava as práticas sociais ali presentes. Essa análise é possível a partir da apropriação que os vivos faziam dos mortos, que pode ser visto por meio da análise dos *Katádesmoi* e dos epigramas funerários, encontrados no cemitério do *Kerameikos*, no período referido. Nesse sentido, uma sociedade agonística possibilitava interações sociais que representavam essas possibilidades de disputas. Seja por meio do elogio aos seus mortos e aconselhamento dos vivos, com exaltação da pólis, seja por meio de imprecações relacionadas a pessoas que representavam algum tipo de perigo ou disputa. Esse elemento agonístico perpassa essas dinâmicas sociais que englobam os usos e (re)usos dos mortos pelos vivos. Essas interações poderiam estar visibilizadas a partir de uma exposição pública desses mortos, ou invisibilizada a partir de um (re)uso desse morto a partir da confecção e depósito de um *katádesmos*, na sepultura.

Palavras-chave: *Katádesmoi*; Epigramas funerários; *Agón*.

Abstract

This work focuses on the established dynamics of the Athenian classical period, starting from politics discourses and relations in this society. We adopted the assumption that agonistic society in Athens permeates the present social practices. This analysis is possible by the appropriation of the dead by the living, which can be seen through *Katádesmoi* and funerary epigram analysis, found in the *Kerameikos* cemetery, in the aforementioned period. In this sense, an agonistic society made possible social interactions that represent the possibilities of disputes. This occurred through the honoring of the dead and counseling of the living, with the exaltation of the polis, as well through imprecations related to people who represent some kind of danger or dispute. This agonistic element pervades these social dynamics that encompass the uses and (re)uses of the dead by the living. These interactions could be visibilized from a public display of the dead or invisibilized through (re)use of the dead from the production and deposition of cursing tablets in a grave.

Keywords: *Katádesmoi* (cursing tablets); Funerary epigrams; *Agón*.

Introdução

O *agón*, em grego *ἀγών*, é uma categoria que vem sendo amplamente trabalhada no que se refere a concepções e aspectos da sociedade ateniense no período clássico. Este ao ser entendido como uma visão de mundo que perpassa as dinâmicas de sociabilidades ateniense,

está, então, inserido na produção das relações sociais e da cultura material produzida por esta sociedade. Desde sua perspectiva mais ampla como sendo, genericamente, traduzido como “debate” ou “disputa”, mas também em suas acepções mais específicas com sua finalidade deliberativa, argumentativa, um *lógos* que era exposto, tanto de maneira cívica, quanto em teatros por exemplo.

Assim, apresentamos neste artigo um viés interpretativo aplicado a um levantamento de duas tipologias documentais. Sendo a primeira os *Katádesmoi*, com o suporte em chumbo, que consiste em uma prática mágico-religiosa que intentava fazer mal a inimigos. Lâminas essas entendidas como uma resolução de âmbito privado para questões que a pólis não mais dava conta. Já os epigramas funerários são marcações físicas que representavam o fim do processo de ritos funerários que assegurariam ao familiar do morto direito a herança, sucessão do *oikos*, dentre outros aspectos. E asseguraria ao morto a sua passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, no qual poderia adentrar ao Hades e lá permanecer.

Este artigo faz parte de uma reflexão mais ampla que vem sendo desenvolvida ao longo do processo de doutoramento e a documentação aqui utilizada é parte de dois *corpora* documentais que estão inseridos na tese em construção. A metodologia utilizada foi o levantamento dessa documentação a partir de variados catálogos concernentes a ambas as tipologias de documentação e uma tradução preliminar da língua materna, o grego ático, para o português. Assim, aqui os exemplos demonstrados então na língua original com a respectiva tradução para a melhor apreciação do leitor.

***Katádesmoi* e epigramas funerários**

Os epigramas funerários do período clássico ateniense são elementos do contexto funerário que podemos tomar como ponto de partida para pensar as redes de sociabilidade e de exposição nessa sociedade. Andrade (2012) aponta que a mesma era um elemento valorizado nesse contexto. Isso de dava pelo fato de que tais epigramas, por exemplo, seriam erigidos de maneira que as inscrições ficassem voltadas para as vias de entrada e saída da pólis, como a Via Sagrada e nas proximidades do portão do Dipylon. Isso fazia com que os transeuntes tivessem contato com os mesmos de maneira direta ao passar pelas mesmas. Quando não os liam, estavam expostos a esses marcos funerários. As tipologias variavam, Argôlo (2006) aponta os *periboloi* como uma das estruturas mais encontradas nas escavações empreendidas no *Kerameikós* concernentes a esse período. Estes também eram chamados de recintos familiares (Andrade, 2012) podendo conter um ou mais enterramentos, geralmente eram coletivos.

Esses eram elementos a serem expostos, não apenas pela sua localização, mas também em muitos casos a aplicação de cores era realizado (Andrade, 2012) como forma de embelezamento, e também como elemento de atratividade. Essa publicização, de um elemento de cunho privado como o rito funerário, pressupõe uma espécie de aconselhamento para os vivos a partir dessa exposição e do louvor das virtudes alcançadas e demonstradas daqueles que perderam a vida e ali foram sepultados. Consistia em uma noção de construção de um ideal de virtudes alcançadas por esses mortos, como uma forma, também, de ser emulado pelos vivos que tinham contato com essas informações (Conde, 2023).

Geralmente confeccionados em mármore ou pedra, podendo ou não conter uma iconografia associada. Além disso, em sua maioria possuíam inscrições epigráficas com elogios e características dos mortos a qual se referiam (Argôlo, 2016). Esses são marcos materiais que indicam um ou mais sepultamentos, podendo ser familiares. Representam uma etapa final do rito funerário, que se iniciava com a preparação do corpo do morto, exposição do mesmo, cortejo fúnebre, até o local de enterramento (Theml, 1998).

O *Kerameikós* é o espaço de sepultamento de proveniência tanto dos epigramas funerários, quanto dos *Katádesmoi*. Além disso, configura-se como um espaço político, uma vez que redes de sociabilidades acontecem, tanto ao longo dos rituais fúnebres, quanto em relação a sua localização. Perpassando pelo ritual de visitação ao túmulo, assim como a passagem de pessoas diversas, inclusive estrangeiros. O mesmo encontra-se extramuro da pólis, ladeando as principais vias de entrada e saída da mesma. Sendo, então, um local de alto fluxo de transeuntes (Argôlo, 2016) e, por consequência, de pessoas que tinham contato com esses sepultamentos. Sobre a ideia do *Kerameikós* enquanto espaço político Andrade (2012) afirma:

Compreendemos, então, que o espaço funerário fazia plenamente parte da vida comum, dessa dimensão de encontros e negociações corriqueiras, que, como veremos, ao trazer à tona as dedicações funerárias femininas, que são elemento básico de nossa pesquisa, têm seu papel político na vida da cidade. (Andrade, 2012, p.59)

Acerca da documentação aqui proposta ressaltamos, também, os *Katádesmoi* que são lâminas encontrados no período clássico ateniense, feitas em chumbo com imprecações inscritas. Em sua maioria eram enroladas e por vezes transpassadas com uma espécie de pregos, que poderiam ser de bronze ou ferro (Faraone, 1991). O maior quantitativo desse período e geolocalização foram encontradas junto a sepultamentos no *Kerameikós*, de mortos antes do tempo ou de pessoas que sofreram de morte violenta, denominados de *aôroi*, *biaithanathoi* e *ataphoi* (Pacheco, 2020; Natalías, 2012). Eles também poderiam ser depositados em santuários

de deuses ctônios, leitos de rios, dentre outras localidades que guardassem alguma proximidade com o mundo dos mortos.

O termo *Katádesmoi*, no singular *Katádesmos* advém do verbo *καταδεω*, no dialeto ático também como *καταδω*, uma contração do verbo anterior, que é traduzido para o português como “amarro”. Esta é uma terminologia presente em uma grande parte das lâminas como parte da fórmula mágica empregada para fazer mal ao inimigo. Faraone (1991) ressalta que é mais comumente encontrado lâminas de impreciação com a intenção de “amarrar”, “inibir” o alvo, mas não destruir. Mesmo que este último objetivo seja possível de ser encontrado em alguns casos do século IV, por exemplo. A classificação adotada para esta documentação refere-se a seu conteúdo e grupo selecionado como alvo, podendo ser de ofício, esportiva, amorosa e judicial/ litígio (Faraone, 1991).

A primeira relativa a elementos comerciais e de produção nas oficinas, a segunda relacionada a competições esportivas, já a terceira refere-se a elementos amorosos e a última está de acordo com tensões vistas no âmbito, principalmente, dos tribunais. As de ofício e jurídicas são mais comuns no período clássico ateniense, enquanto as demais são de períodos posteriores (Faraone, 1991). Sendo as jurídicas em maior quantitativo, para Grimes (2016) isso ocorre devido ao movimento de ascensão e desagregação do modelo democrático poliade.

Agón e suas perspectivas na documentação

Tradicionalmente a palavra agón tem sido traduzida por “disputa”, principalmente relacionada a competições esportivas. Aspecto intrínseco as sociedades antigas que possuíam jogos e a valorização de um corpo físico considerado belo, que pressupunham tal agón, tal disputa. Como é possível exemplificar a partir das demonstrações individuais nos jogos Olímpicos, Píticos, Nemeos, Ístmicos e Panatenaicos (Anchepe, 2012). Como podemos ver abaixo em um verbete do *Bailly*, a definição mais abrangente do termo:

agón, onos: substantivo masculino derivado do verbo *algw*
.empurrar. , .conduzir., .incitar.

I Assembleia, reunião: localização, lugar, localização para uma reunião.

II Assembleia para os jogos públicos / de esportes:

1 localização para estes jogos;

2 os próprios jogos, concursos, luta;

3 objetivo proposito para os concorrentes.

III Por ext., luta, combate:

1 ação militar, batalha;

2 luta judiciária;

3 processo;

- 4 luta pela vida;
- 5 perigo;
- 6 por ext., momento crítico, circunstância;
- 7 preocupação.

A partir desta perspectiva, podemos perceber que agón, em sua perspectiva ática é uma palavra polissêmica, o que dificulta sua aceção relacionado a um único aspecto da sociedade ateniense. Nessa concepção também é percebida nas competições de teatro, no qual uma disputa é empreendida entre os autores e suas encenações das peças. Além disso, dentro das próprias produções como as de Ésquilo, Sófocles, dentre outros um agón está presente entre as personagens e os discursos proferidos pelas mesmas nas tragédias, como nos aponta Lemaire (2015). Todavia, entendemos que esse agón está além do campo esportivo e teatral, abrangendo, como aponta o verbete acima citado, os campos de batalha e o campo político e democrático de Atenas. Anchepe (2012):

lo agonístico una suerte de *forma mentis* griega, una peculiar forma de percibir la realidad, la cual se pondría de manifiesto en diversas dimensiones culturales isomórficamente agonísticas tales como las competencias literarias en las que rivalizaban los dramaturgos helenos y en los agones de palabras de la tragedia ateniense, como así también en la práctica asamblearia tanto deliberativa como judicial, e incluso en la filosofía, particularmente en relación al diálogo concebido como género filosófico. (Anchepe, 2012, p. 76)

Hawhee (2022) caracteriza o mesmo como político, de reuniões e assembleias na pólis. Anchepe (2012) desdobra tal pensamento afirmando que o agón significa tanto uma reunião de assembleia quanto o lugar ao qual as mesmas acontecem. Reforçando, assim a ideia apresentada por Hawhee em relação ao campo político. Assim, o agón, de maneira ampla, pode ser entendido como debate, o que pressupõe um dissenso inicial (Anchete, 2012) entre duas ou mais ideias, entre duas ou mais pessoas. Essa argumentação pode se apresentar por meio de um debate, mas também, através da produção da cultura material da referida sociedade.

A retórica atua, então, como elemento formador da sociedade ateniense no período clássico, assim como é perpassada por um valor agonístico. Há aqui a produção de um sujeito (Hawhee, 2022) formado e formador de uma retórica que moldou o regime democrático do período a partir dos embates políticos por meio dos discursos proferidos. Para a autora, o agón sugere um movimento através da luta, de uma prática de formação produtiva, este sendo um aspecto que, também, compunha a visão de mundo dos atenienses nesse período. Portanto, defendemos que o viés agonístico em Atenas era um elemento que não só fazia parte da composição e dinâmica social, como era uma forma, possível, que os habitantes dessa polis organizavam suas relações sociais.

Um exemplo disso foi o surgimento dos sofistas, pessoas que ensinavam retórica, assim como usavam da mesma para ter sustento a partir de observação e eventual denúncia de pessoas que estariam indo de encontro com a legislação vigente (Pacheco, 2020). A retórica desempenhava, portanto, um papel central no contexto agonístico. Essa habilidade de persuadir e influenciar as pessoas por meio do *lógos* era um elemento valorizado na democracia ateniense.

Partimos do pressuposto que na arena política o agón estava presente em tais discursos persuasivos, fosse na *Ágora* ou nos tribunais, locais onde os debates públicos aconteciam com o intuito de demonstrar uma superioridade retórica. Assim, também, era possível alcançar prestígio, por meio do bom uso das palavras e do discurso empreendido, assim como alcançar e demonstrar a *areté* (virtude). A capacidade argumentativa era uma ferramenta crucial na arena política, com o intuito de angariar simpatizantes e apoiadores ao aspecto que estava sendo defendido, o que demonstra a importância desses discursos, assim como o aspecto agonístico da política ateniense.

Essa capacidade de argumentação persuasiva que a retórica nos traz é possível ser pensada na sociedade ateniense, por meio de sua relação com a *areté*. Hawhee (2022) aponta que no cerne do agón está o conceito de *areté*, associado a destreza, coragem e bondade. Essa funciona dentro de uma “economia de ações” (Hawhee, 2022, p. 187), no qual é preciso tornar-se virtuoso e merecedor de honrarias, e uma das formas de alcançar isso é pelo *lógos*. Nesse sentido, o agón produz e é produzido por meio do movimento, pois ele pressupõe uma resposta seja física, seja discursiva a uma provocação, ação ou até mesmo em relação a uma ideia diferente.

Hawhee (2022) nos convida a refletir sobre a perspectiva de que a *areté* retórica, assim como o agón permeado pela mesma parte da encenação e percepção do outro, que pode ou não estar envolvido diretamente. Há, portanto, disputas discursivas que ocorrem nos mais variados âmbitos como o teatro e na arena política, como é o caso das Assembleias e dos tribunais. A arte de manejar palavras como se fossem armas em um campo de batalha é um dos elementos que aproximam o agón com a retórica, fazendo desta última um evento agonístico (Hawhee, 2022). Entretanto, podemos perceber que o mesmo não está presente apenas na documentação escrita, mas também na cultura material que temos acesso.

Na ética aristotélica a noção de agón está presente em ao menos três categorias. A primeira consiste em seu aspecto público, tanto no contexto deliberativo quanto judiciário. O segundo refere-se a um agón individual que concerne da relação interior do sujeito e sua deliberação e busca pela virtude. Já o terceiro aspecto é um agón, também, público, mas profundamente transformado pela virtude do indivíduo (Anchepe, 2012). Portanto, aqui

podemos perceber como o agón é um elemento que era discutido, também, no âmbito da filosofia do próprio período ateniense retratado.

No caso dos epigramas funerários a relação da *areté* com o agón fica evidente, a partir do momento que essa documentação pressupõe a exaltação das qualidades do morto que devem ser expostas para a sociedade. A visibilidade dos epigramas funerários e seu contexto de produção contribuem para este material ser um representante da sociedade agonística ateniense. Os elogios presentes nessa epigrafia tinham como intuito louvar o morto, mas também suscitar a possibilidade de emulação dessas características entre os vivos. Conde (2023) afirma que esta emulação era um pressuposto na confecção e exposição das estelas funerárias. Tais epigramas compõem um aspecto agonístico uma vez que é de interesse familiar e poliade demonstrar os elogios desses mortos, sejam eles cidadãos ou não.

Desta maneira, expõe-se as virtudes daqueles que contribuíram para a pólis e sua politeia. Andrade (2012) afirma haver um agón entre os epigramas femininos, o que aqui entendemos ser estendido aos demais, sendo eles, também, masculinos. Sendo uma forma de competição de quem tinha mais elogios a serem expostos para os transeuntes e a serem emulados pelos vivos. Assim podemos inferir que o agón presente nessa cultura material está associado, também, a um aspecto individual, na busca pela virtude e de um prestígio social, como nos indica a ética aristotélica.

O *agón* nos epigramas funerários pode ser visto a partir da análise de algumas fórmulas elogiosas usadas dentro do contexto dos epigramas. Esses aparecem como uma espécie de competição em relação aos feitos e glórias possíveis de serem alcançados. Representam não apenas o morto, mas também as características proeminentes em relação a família a qual ele pertence, que são interessantes de serem publicizadas. Aspecto esse que dá uma conotação moralizando ao discurso empreendido nesta documentação (Andrade, 2012, p. 60).

O epigrama funerário (PEEK, 1988) exemplificado abaixo faz parte do *corpus* documental da tese em produção. Ele é datado do século IV, aproximadamente do ano de 360, encontrado no *Kerameikós*.

Original	Português
Ἄρχιππος Σκαμβωνίδης. εἶ τις ἐν ἀνθρώποις ἀρετῆς ἕνεκ’ ἔστεφανώθη,	Arkhippo, Skambônides Se alguém entre os homens, por causa da virtude, fosse coroado,

πλεῖστον ἐγὼ μετέχων τοδ' ἔτυχον στεφάν[ο]	eu teria partilhado muitíssimo dessa coroa de ouro;
χρυσὸν Ἀθηναίων δὲ ἐστεφάνωσε πόλις·	E a cidade dos Atenienses [me] coroou;
εὐδαίμων δὲ ἔθανον παίδων παῖδας καταλείπω[ν].	E morri feliz, deixando para trás filhos dos [meus] filhos.

No epigrama acima podemos ver que se refere a Arkhippo, Skambônides, que está sendo elogiado a partir de sua virtude, coroado pela pólis de Atenas. Este, também é louvado por ter deixado netos (“filhos dos [meus] filhos”), o que indica que ele viveu até uma idade mais avançada. Isso denota que ele cumpriu suas funções para com a pólis de Atenas, por ter deixado uma prole, possivelmente cidadã, para dar continuidade as obrigações cívicas. Portanto, este é um exemplo em que duas características principais estão sendo expostas para que os vivos possam ter acesso e possam tomar como exemplos para seguirem. Assim contribuindo para a pólis e alcançando virtudes tais que possam ser expostas em seus próprios epigramas, no momento de sua morte.

Esses aspectos indicam dois pontos do agón. O primeiro referente a uma espécie de competição entre o que se está publicizado no epigrama, alcançado pelo morto, e uma incitação de como o vivo deveria conduzir sua vida para alcançar tal virtude, por exemplo. Aqui o agón se dá entre os vivos e os mortos, uma forma de competição, para que aquele que ainda está vivo, possa ter os mesmos louros que *Arkhippo*, *Skambônides*, por exemplo. O segundo agón que podemos perceber, concerne a família e ao morto. Há uma certa competição de virtudes, *areté*, não só em vida, mas também entre os elogios que estão presentes nas estelas funerárias. Nesse sentido, a disputa ocorre, também, como forma de legitimação de uma posição social, por exemplo, por parte das famílias, mas também, em quem teria alcançado mais benfeitorias e era mais elogiado no momento da sua morte.

Os *Katádesmoi* se referem a relações agonísticas, como uma espécie de arma (Faraone, 1991) para auxiliar na resolução de conflitos, inclusive de ordem privada que esbarrava na institucionalidade poliade, como o caso dos tribunais. O ato de amarrar inserido no contexto formular e na escrita dos *Katádesmoi* indicam seu aspecto agonístico, pois representa um ato de rivalidade privada, o que se enquadra em um padrão mais amplo de competições, que fogem ao aspecto atlético e passam a ser pensados, também, dentro do âmbito político e social (Faraone, 1991).

Os solicitantes destas práticas de impreciação seriam indivíduos envolvidos em práticas agonísticas, seja por motivos pessoais, seja pela lógica social que pressupunha uma sociedade

pautada e permeada no agón. Natalías (2012) indica que essas lâminas possuiriam essa característica agonística por representar, materialmente, contendas e conflitos entre o solicitante e o alvo. Desta maneira, entendemos que os *Katádesmoi* são práticas, também, agonísticas que se enquadram em uma estratégia competitiva ateniense, de caráter popular. Uma forma de estratégia de sobrevivência e resolução de conflitos que poderia ser usado nos mais variados âmbitos sociais.

Em relação as categorias aos quais estão inseridos, o *agón* se mostra presente nos de ofício, pois sua motivação é uma certa rivalidade entre dois grupos de pessoas que tentam comercializar ou produzir algo, por isso há uma competição. No caso da amorosa, essa categoria é agonística pois sua principal motivação é a separações e/ou união entre duas pessoas. No caso das judiciais/litígio, a característica agonística fica mais evidente, uma vez que esses *Katádesmoi* demonstram uma disputa no tribunal entre duas partes, na qual uma delas age de maneira particular, solicitando por meio da prática mágico religiosa o sucesso em sua empreitada. Nesse último caso, parte de um contexto em que o inquirido passa a ter uma concepção de culpa, de acusação, o que nos faz inferir uma certa preocupação com a vontade e com a prática do sujeito, mesmo em meio a predominância do coletivo na pólis (Theml, 1998, p. 46).

O *katádesmos* abaixo faz parte de um processo de tradução autoral empreendido ao longo da confecção da tese de doutoramento em curso. O mesmo está localizado em Wunsch, 1897 (103); Gager, 1999 (38), datado do século IV, encontrado no Pireu. Isso demonstra que este, também, era um lugar de deposição de *Katádesmoi* na Ática, no período clássico.

Original	Português
<p>A</p> <p>Ερμ[ῆ] καὶ Φερσεφ[ό][η] τήνδε ἐπιστολ]ήν ἀπο-πέμ[πω· ὅπ]ότε ταῦτα (έ)ς ἀνθρώπο(υ)ς ἀμαρτωλο(ύ)ς φ]έ[ρω, αὐτο(ύ)ς, Δίκη, τυχεῖν τέλο(υ)ς δίκης. Καλλικράτης Ἀναξικράτους: Εὐδίδα[κτ]ος</p> <p>5 Ὀλυμπιόδωρος ... ος Θεόφιλος ..ρ[ο]ς Πλ... Χαρίνος Καλλένικος Κινεΐαν δωρος [Λυσίμαχος Φιλοκλῆς [Δη]μόφιλος καὶ</p>	<p>A</p> <p>Envio esta carta a Hermes e Perséfone; No momento em que [mando] essas coisas até os próprios homens que cometem erros, Dike, faz valer a finalidade da justiça.</p> <p>Kallikrátēs, filho de Anaxikrates, Eudíaktos, Olympiódoros, ... -os, Theóphilos, ...-ros, Pl-... Kharînos, Kallénikos, Kineías, ...-doros, Lysímakhos, Philoklês, Demóphilos e [seus] advogados</p>

<p>σύνδικοι καὶ [ε]ἴ τις ἄλλος [φίλος «[ὑτοῖς: Δημοκρ[άτ]ης τ(ο)ν περὶ τῆς δίκης 10 δικαζ[ό]μενον: Μνησίμαχος Ἄντί [φίλος. B Λῦσις Δωροθέου Ἀρχῖνος Χαρῖνος Μενεκλέους Νικοκρ[άτ]ης.</p>	<p>públicos e se eles tiverem algum outro aliado; Demokrátes aquele que intenta um processo a respeito de uma ação privada. Mnesímakhos, Antíphilos. B Lysis, filho de Dorótheos, Arkhînos, Kharînos, filho de Meneklés, Nikokrátēs.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No *Katádesmos* acima, podemos ver uma série de nomes sendo elencados como alvos da solicitação de imprecisão. Sua categorização é jurídica, devido a presença de termos legais, como “advogado público”, por exemplo. Uma evocação a Hermes é feita para auxiliar o solicitante, assim como a Perséfone, mas também a deusa *Diké* é mencionada, como uma forma de garantir que a justiça fosse feita. A referência a essa deusa é outro elemento que indica a tipologia judiciária desta lâmina. Esse *Katádesmos* é enviado em forma de carta aos deuses, invocando-os. Para além da lista de nomes, os envolvidos, possivelmente com nomes desconhecidos, são abrangidos nessa solicitação. Esses são os “aliados” dos alvos identificados.

Por meio da análise desse material, podemos perceber que uma “ação privada” é a intenção de *Demokátes* em um tribunal, e que esta prática mágico-religiosa intenta garantir que essa ação não chegue ao tribunal. Este representa um agón entre aquele que intenta fazer mal e seus alvos, a partir de uma contenda política, no que concerne a elementos jurídicos. Não fica claro o motivo da ação, mas o conflito entre as partes é evidente. Aqui o agón está presente, tanto no que se refere a ideia de disputa em um tribunal, como no próprio uso de uma imprecisão para a resolução do conflito.

Nesse sentido, o que podemos perceber é que a visão de mundo agonística de Atenas, perpassa essas práticas e nela imprime sua marca. Há uma reprodução do modelo argumentativo de um lógos do tribunal. O agón presente nesse local, se dá a partir de um debate entre as partes, esse *Katádesmos* intenta que esta dinâmica não ocorra, e que o ganho da ação seja realizado anteriormente, por meio da eficácia da imprecisão. O agón se apresenta a partir de uma estrutura retórica, desenvolvida a partir do apoio das divindades ctônias evocadas, e uma forma de passar para as mesmas a responsabilidade da resolução do conflito (Faraone, 1991).

O agón, por conseguinte, apresenta-se no aspecto da própria motivação da confecção do *Katádesmos*, no caso uma disputa jurídica. A disputa agonística é o que faz o solicitante realizar

a prática mágico-religiosa, isso demonstra como este representa uma visão de mundo ateniense. Além disso, a ideia da resolução do conflito, mesmo antes que ele chegue na esfera agonística oficial, que nesse caso seria o tribunal, representa como o agón estava presente como produtor dessa sociedade.

Considerações finais

Portanto, o agón apresenta-se como uma disputa, uma competição. O mesmo faz parte de um antagonismo de uma ideia que faz parte da construção social ateniense. Uma vez que este conceito parte, também, da ideia de reunião, cujo objetivo é uma vitória ou um consenso em relação a algo, seja no âmbito atlético, seja deliberativo ou judicial. Nesse sentido, o agón tem por objetivo a areté, a excelência humana. Inclusive em uma disputa de oratória, onde a retórica toma lugar como um dos principais elementos do contexto democrático ateniense. Nesse sentido, os debates propostos nesse âmbito da sociedade fazem do agón ser um produtor de respostas, vitórias ou consensos entre as partes envolvidas.

Por conseguinte, podemos perceber a partir da explanação acima que tanto os *Katádesmoi*, quanto os epigramas funerários são produtos e produtores da e na sociedade ateniense. Isso se dá, também, devido ao caráter agonístico que esses material possui, que contribui para a confecção de ambas as tipologias de documentação, assim como imprime nos mesmos as características do agón dessa sociedade. Além disso, ambos são reflexos dessa visão de mundo que o agón é, enquanto produtos, nessa sociedade.

Bibliografia

- ANCHEPE, IGNACIO MIGUEL. EL ΑΓΩΝ QUE VA POR DENTRO: HORIZONTES AGONÍSTICOS DE LA ÉTICA ARISTOTÉLICA. **ACTAS DEL VI COLOQUIO INTERNACIONAL: COMPETENCIA Y COOPERACIÓN ΑΓΩΝ DE LA ANTIGUA GRECIA A LA ACTUALIDAD**, 2012.
- ANDRADE, Marta Mega de. Diálogos da vida comum: os espaços funerários e a Cidade Antiga. **Representações da cidade antiga: categorias históricas e discursos filosóficos (2.^a edição)**, p. 51, 2012.
- ARGÔLO, Paula Falcão. **‘Imagens’ da família nos contextos funerários: o caso de Atenas no período clássico**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Doi: 10.11606/D.71.2006.tde-05082006. Acesso em 20 de novembro de 2021.
- CONDE, Evelia Arteaga. Las emociones en los epigramas funerarios áticos del siglo IV aC: un elemento racional. **Revista Hypnos**, n. 50, p. 83-101, 2023

- FARAONE, Christopher A. The agonistic context of early Greek binding spells. In: FARAONE, Christopher A.; OBBINK, Dirk (Ed.). **Magika hiera: ancient Greek magic and religion**. Oxford University Press, 1991.
- GAGER, John G. (Ed.). **Curse tablets and binding spells from the ancient world**. Oxford University Press, 1999.
- GRIMES, Joshua. Letters to the Underworld: The Religious Context of Classical Greek katadesmoi. **Journal of Undergraduate Research**. Asheville, North Carolina, 2016
- HAWHEE, Debra. Agonism and arete. **Philosophy & Rhetoric**, v. 35, n. 3, p. 185-207, 2002.
- LEMAIRE, Nathalie. Agón e tragédia grega: esclarecimento terminológico, formas e significações em Ésquilo, Sófocles e Eurípides. **CALÍOPE: Presença Clássica**, v. 2, n. 30, 2015.
- NATALÍAS, Célia Sánchez. Mortos mágicos: Defixações em contexto necropolitano. **Anthesteria: debates na história antiga**, não. 1 pág. 117-126, 2012
- PACHECO, Y. S. **Uma análise de espaços, práticas mágico/religiosas e materiais a partir dos Katádesmoi em Atenas no período clássico**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- PEEK, W. **Griechische Vers-Inschriften. Grab-Epigramme**. Chicago: Ares Publishers, 1988.
- Wünsch, R. **Defixionum Tabellae Atticae**, Inscr. Gr. vol. 3, pt. 3 (Berlin 1897).

